

Na Casa do Índio, expectativa pelos resultados do encontro

Com os olhos amendoados fixos na televisão, acompanhando todos os noticiários. Assim os 80 índios hospedados na Casa do Índio, que a Fundação Nacional do Índio (Funai) mantém em Icoaraci, estão acompanhando o I Encontro das Nações Indígenas do Xingu, que se encerra hoje em Altamira. Pelo menos 25% dos índios hospedados na Casa se deslocaram até Belém para tratamento de saúde. O restante veio acompanhando os parentes doentes.

"Eles nunca vêm sozinhos. Normalmente trazem consigo de quatro a cinco parentes. É uma questão cultural", explicou a socióloga Edercília Maia Magno Silva, que trabalha na Casa do Índio em Icoaraci. Ela informou que a maioria dos indígenas são das tribos dos Tembés, localizada no alto do rio Guamá, e dos Guajajaras, do Maranhão. Apesar de haver alguns casos que necessitam de intervenção cirúrgica ou internamento, por câncer ou tuberculose, a maioria dos índios são vítimas de gripe ou malária.

Somente em passagens, medicamentos, alimentação e hospedagem a Funai gastou, no ano passado, cerca de Cz\$ 30 milhões (pelo padrão monetário da época) para manter os índios na Casa, onde recebem tratamento médico e odontológico adequa-



A maioria ficou arredia. Mas eles esperam que a reunião desperte "consideração e respeito" pelo índio.

do. Nos casos mais graves ou de doenças contagiosas, os indígenas são internados no Hospital Barros Barreto. Até ontem, dois deles estavam internados naquele hospital, um com cirrose e outro com um abscesso pulmonar. Edercília Silva afirmou que não existe dificuldade de relacionamento entre os índios e a administração da Casa, mas às vezes ocorre uma certa rivalidade entre os que residem no Maranhão e no Pará. "Na chegada são explicadas as normas da casa e eles as obedecem, por isso nunca tivemos problemas sérios", disse a socióloga.

Ao relento
A Casa do Índio funciona com dois consultórios, um médico e um odontológico, cada qual com capacidade para realizar 12 atendimentos por dia, além de uma enfermaria onde três enfermeiras se revezam diuturnamente. Além dos dentistas, médicos e enfermeiras, a Casa do Índio mantém quatro costureiras — para fazer vestimentas para os hóspedes, pois alguns, quando chegam, só possuem a roupa do corpo — e quatro cozinheiras. O trabalho das cozinheiras se baseia em fazer pratos com carne de peixe e bovina, além de

verduras, que embora não sejam bem aceitas pelos índios são recomendadas nas dietas dos convalescentes. As instalações da Casa do Índio têm capacidade para abrigar 80 pessoas em oito alojamentos, mas os índios preferem dormir ao relento, armando suas redes nos pátios da instituição.

Ainda ontem um grupo de indígenas, entre acompanhantes e convalescentes, todos homens, assistia atentamente ao noticiário da televisão. Os únicos que se dispuseram a falar foram Reinaldo Benjamim, da tribo dos Cu-

maruru, e José da Silva, dos Tembés. Reinaldo Benjamim veio para a Casa do Índio para se tratar de micoses nos lábios e de um problema neurológico no braço esquerdo. Ele contou que deixou sua tribo, no Oiapoque, norte do Amapá, para tentar a vida na Guiana Francesa. "Fui dar uma volta", disse ele, acrescentando que tem saudades da tribo que deixou há 15 anos.

Na Guiana, graças ao domínio do dialeto "Patua", Reinaldo Benjamim exerceu as profissões de pedreiro, pintor e garimpeiro, até ser deportado para o Brasil, por falta de documentos. Indagado sobre o encontro que hoje se encerra em Altamira, ele afirmou ser o evento importante "para dar consideração e respeito ao índio". José da Silva, da aldeia de Tomé-Açu, dos Tembés, concorda com Reinaldo Benjamim. "É importante porque querem forçar o índio e ele está botando quente. Só sinto não estar lá em Altamira", disse. José da Silva veio para a Casa do Índio acompanhando a cunhada e a esposa, que estão doentes, e trouxe mais três filhos, com quem fez questão de posar para uma fotografia. Os demais índios, esquivos, preferiram continuar hipnotizados pela tela do televisor.

José, dos Tembés, diz que querem forçar o índio. Benjamim, dos Cumaruru, que já foi garimpeiro, pede consideração.



Gueiros faz críticas à 'estrangeirada'

O governador Hélio Gueiros criticou, ontem, o clima de antagonismo que marcou os debates com o representante do governo federal no I Encontro das Nações Indígenas do Xingu, que está sendo realizado em Altamira. Para o governador, as vaias dirigidas ao presidente do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis, Fernando César Mesquita, demonstram uma "intolerância inaceitável". "É um absurdo calar com vaias a opinião contrária. Daí para matar e assassinar é um passo. É próprio do espírito inquisitório calar as pessoas com quem não concorda". Hélio Gueiros ressaltou, contudo, achar que os índios têm "certa razão" em seus pronunciamentos. Segundo ele, as denúncias e críticas feitas pelos índios merecem todo respeito. "Eles têm opinião própria respeitável, mas só vêem o lado deles, o que é muito natural". Para o governador, os índios têm críticas acumuladas pelos anos em que vêm sendo dizimados. Hélio Gueiros, contudo, afirmou que eles estão sendo "usados" por outras pessoas, que disfarçam objetivos econômicos por trás da defesa da ecologia. Segundo ele, até mesmo os ecologistas brasileiros têm sido usados "neste estratagema".

"Em todo o mundo se manda celebrar missa de ação de graças quando se descobre potencial hidrelétrico. É lamentável que aqui no Brasil, justamente no momento que em tentamos mobilizar toda a sociedade pelo progresso da Amazônia, se faça uma conferência para desmerecer o projeto hidrelétrico brasileiro", reclamou o governador. Hélio Gueiros declarou ser favorável à proteção da natureza, utilizando os recursos naturais com "sabedoria e lucidez". "Mas ficar como o indiano, adorando boi sem usar o boi, eu não concordo".

Recursos

Apesar de referir-se à "estrangeirada" que participa do encontro, Hélio Gueiros disse não saber exatamente quem são os estrangeiros que estão em Altamira criticando a construção das hidrelétricas na área do Xingu. Ele tornou a defender a tese de que a construção de Kararaó não vai afetar as áreas indígenas e muito menos trazer prejuízos ecológicos para uma extensão de terra que ele classificou de

"fantasiosa", como tem sido alardeado. "Eu não sou xenófobo, mas não aceito este tipo de tirania. Sou favorável ao diálogo e aceito o apoio dos estrangeiros, desde que seja respeitada a soberania nacional. Mas não posso aceitar o julgo de outros países". O governador referiu-se ao Banco Mundial, que teria sustado financiamentos para as hidrelétricas. Hélio Gueiros admitiu, contudo, não ter certeza se os financiamentos foram cancelados ou ainda estão sob estudos. "Pelo menos é o que dizem", alegou ele, lembrando que os financiamentos podem ser suspensos através de vários subterfúgios, como alegações de ordem técnica, que escondem o motivo real.

As ações em favor do desenvolvimento da Amazônia, de acordo com o governador, podem ser realizadas pelas próprias instituições locais, como Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (Sudam) e secretarias de Estado. "O problema é que se discute muito, mas quando chega na hora de liberar recursos tudo fica difícil". Hélio Gueiros lembrou o recente corte nos recursos destinados aos incentivos fiscais da Sudam, determinado pelo governo federal, e as promessas não cumpridas do presidente Sarney, de asfaltar a Transamazônica e a Santarém-Cuiabá, duas estradas que, segundo ele, têm fundamental importância na economia do Pará, por viabilizar o escoamento da produção agrícola das áreas que atravessa.

Pedágio: críticas

O pedágio a ser pago nas estradas federais, que será implantado pela União a partir de março, não deveria ser cobrado mensalmente, acredita o governador. Ele disse achar que o tributo deveria ter um valor anual. Segundo Hélio Gueiros, o governo federal é contraditório quando solicita aos Estados que não implantem de forma imediata e total o novo sistema de tributação, para que as mudanças na cobrança de impostos não inviabilizem o Plano Verão. A própria União, entretanto, ao implantar o pedágio nas estradas, quebra as regras do Plano.

Em Belém, o tributo vai alcançar praticamente todos os proprietários de estradas, disse Hélio Gueiros, já que o "tronco" da estrada que

liga a capital a outros locais, até mesmo os mais próximos, como Ananindeua, é federal, o que vai obrigar ao pagamento do pedágio. O governador lembrou que, sendo mensal, o pedágio cria situações estranhas: uma família que resolve ir a um balneário no final do mês, por exemplo, e retorna a Belém no início do outro mês, terá que pagar dois pedágios.

Secretaria

Possivelmente em março será instalada a Secretaria dos Transportes, que terá como titular o deputado federal Manoel Ribeiro. O governador disse que a nova secretaria vai, na verdade, absorver o Departamento Estadual de Estradas de Rodagem (DER). Hélio Gueiros declarou-se admirado com o número de funcionários existentes na instituição — quase quatro mil —, que ele garantiu estarem, na maioria, ociosos. Um dos dados que mais impressionou o governador foi a existência de 282 motoristas no DER, sem que houvesse qualquer carro para ser dirigido. "E eu aqui contratando motorista sem saber disso", reclamou Hélio Gueiros. A partir da instalação da secretaria, o pessoal do DER será remanejado.

Com relação à possibilidade de concessão de aumentos para o funcionalismo, o governador declarou que está na expectativa da implantação do novo sistema tributário, que vai aumentar a arrecadação do Estado. A folha de pessoal alcançou, em janeiro, NCz\$ 14 milhões e a arrecadação ficou em NCz\$ 12 milhões. O déficit está sendo coberto com o dinheiro oriundo das aplicações no mercado financeiro.

Segundo o governador, há uma ameaça de contestação à implantação dos novos tributos que serão cobrados pelos Estados, partindo dos empresários, arguindo que o Conselho de Política Fazendária (Confaz) não tem competência para definir as reformas no sistema. Esta indefinição não permite que os novos tributos, que vão atingir combustíveis, produção de energia elétrica, venda de passagens aéreas e rodoferrviárias, entre outros itens, sejam colocados imediatamente em vigor. Hélio Gueiros garantiu, porém, que se a reforma vier a ser implantada, o governo terá condições de dar um novo aumento a partir de março.